**A PRESENÇA DE ELEMENTOS ORWELLIANOS EM BALADA DA PRAIA DOS CÃES.**

*Christian Lima*

**RESUMO:**

O primeiro romance histórico de Portugal (*Balada da Praia dos Cães -* 1982), traz uma importante análise crítica e histórica acerca da ditadura salazarista, um dos principais motivos pelos quais é considerado um dos grandes romances portugueses de todos os tempos; outro motivo, e o mais importante para este trabalho, são os elementos e figuras utilizadas na narrativa para referenciar a ditadura salazarista. Neste aspecto, torna-se possível identificar nesta obra de José Cardoso Pires elementos Orwellianos, o que leva a pensar que a distopias de George Orwell, principalmente no título *1984*, se faz “real” no romance português sobre a ditadura salazarista. Desse modo, este trabalho busca evidenciar a comunicação entre a distopia Orwelliana e o romance histórico *Balada da Praia dos Cães*, tornando possível a interpretação de que a história e a ficcionalidade podem caminhar juntas na literatura.

**I – CONTEXTUALIZAÇÂO E COMPARAÇÂO DAS OBRAS ANALISADAS.**

Em *Balada da praia dos cães(1982)* José Cardoso Pires, apresenta um romance histórico com elementos policiais por meio do qual retrata a situação de Portugal durante a ditadura salazarista através de um cenário sombrio, repleto de frieza, abandono e morte. Neste cenário estão inseridas as personagens do romance e um crime histórico[[1]](#footnote-1) que será investigado por Elias Santana, chefe de brigada, que pode ser visto durante a obra como uma espécie de representação da nação portuguesa. O objetivo central do deste trabalho é elaborar uma comparação entre os elementos e símbolos representantes da vigilância durante a Ditadura Salazarista presentes na *Balada da Praia dos Cães* e os elementos simbólicos da distopia Orwelliana presentes na obra *1984*.

Enquanto o livro de Cardoso Pires utiliza-se destes símbolos para representar as características de Portugal durante a ditadura salazarista, o livro *1984* retrata uma grande ditadura “futurista”, já que a obra foi escrita em 1949, onde um estado autoritário comandado e encarnado pela dúbia figura do Grande Irmão(Big Brother) vigia e controla constantemente a vida dos cidadãos, desenvolvendo estratégias de dominação social, principalmente no campo psicológico, afim de impedir que divergências individuais sejam capazes de causar impactos negativos no sistema estabelecido. Para isso, o Grande Irmão possui um enorme aparato tecnológico e retórico que o permite convencer, vigiar e controlar todos os membros da sociedade, inclusive os dissidentes do regime. Como explicam as palavras de Bastos (2010): “As antenas que invadiram a cidade, os filamentos vorazes, o olho que tudo vê orwelliano e os clones extraterrenos que apontam são metáforas de uma mesma coisa: da vigilância”. Dentro deste cenário, Winston é a principal personagem, que encarna os desejos e anseios humanos, diante de uma sociedade totalmente fria e mecânica.

Podemos assim, estabelecer primeiramente uma relação entre as personagens principais das duas obras e seus cenários frios, mecanizados e obscuros, nos quais as duas atuam como uma espécie de guia para a narrativa no desvendar dos mistérios estabelecidos em cada uma das tramas e nos ambientes e elementos que são apresentados aos seus leitores. É nestes elementos que este artigo busca justificar uma aproximação entre as obras. Porém, tais elementos não são apenas imagéticos, eles também se fazem presentes, como vimos, nas características, principalmente psicológicas, das personagens. No campo de representação das personagens em suas respectivas obras, a impotência demonstrada tanto por Elias quanto por Winston em relação ao estado e a ditadura é algo a se evidenciar. Winston, ao passar por um momento de desconfiança em relação ao regime do Grande Irmão, inicia uma saga por meio da qual descobre as manipulações e atrocidades de seu regime, porém ao tentar enfrentá-lo é impedido pelas forças repressivas; é preso, torturado e reinserido na sociedade sem nenhuma chance de denunciar o regime. Elias, por sua vez, sabe a verdade sobre muitos crimes devido a sua posição de investigador, porém é também impedido de divulgar tais verdades ficando sempre submisso às narrativas oficiais da ditadura salazarista.

Essa relação não ocorre apenas entre Elias Santana e Winston, mas também pode ser observada entre duas personagens femininas que ocupam papéis importantes e parecidos dentro de seus enredos:

Mena em *Balada da Praia dos Cães* e Júlia em *1984* representam a juventude reprimida por processos ditatoriais que se rebela contra a opressão e contra o destino preestabelecido pelo ambiente no qual se encontram inseridas. Ao mesmo tempo as duas possuem características dúbias entre a revolução e a permanência em ciclos de opressão.

Júlia nutria um grande ódio pelo Partido (detentor do poder) e pelo Grande Irmão, porém permanecia como membro da liga juvenil antissexo, que como o próprio nome indica, tinha uma função castrativa e de interferência nas liberdades individuais. Tal como Júlia, Mena assume um papel dúbio quando se estabelece como amante do Major(vitima do crime que conduz a trama) mesmo sofrendo maus tratos físicos e psicológicos por parte de seu amante. As duas personagens femininas aqui destacadas causarão, de diferentes maneiras, uma atração nas personagens principais (Elias e Winston) e esta atração pode ser lida nas duas obras como um fator importante para o desenvolvimento do enredo.

Seria ainda possível, em uma análise mais aprofundada, estabelecer relações entre personagens coadjuvantes das duas narrativas, seus papéis e suas características psicológicas. Porém, o objetivo deste trabalho é, sobretudo, identificar os símbolos Orwellianos presentes no romance de José Cardoso Pires. Portanto, faz-se necessário neste momento um aprofundamento na análise da obra *Balada da Praia dos Cães* para que esta aproximação se torne mais clara.

**II- OS SÍMBOLOS ORWELLIANOS PRESENTES EM *BALADA DA PRAIA DOS CÃES***

Ao analisar os elementos presentes na *Balada da Praia dos Cães*, é possível constatar logo no início da obra a presença simbólica de um cartaz publicitário com os seguintes dizeres em inglês: “PORTUGAL, Europe’s Best Kept Secret,FLY TAP”. Este cartaz pode sugerir um ambiente de isolamento e desolamento de Portugal perante a Europa, durante o regime salazarista, além de já demonstrar, de maneira sutil, como o ditador português nutria o desejo de manter Portugal como uma ilha distante do continente europeu, utilizando-se de narrativas míticas como a superioridade portuguesa como nação cristã em relação aos demais países. Tal referência aos anseios do ditador Salazar fica mais evidente quando comparamos o simbolo do cartaz publicitário com outro simbolo de mesma espécie presente na obra *1984* de Orwell, a propaganda do Partido e do Regime do Grande Irmão que diz: “BIG BROTHER IS WATCHING YOU”. Apesar da aparente diferença semântica, há de notarmos a semelhança de estrutura entre as duas frases; além disso, o elemento da propaganda surge de maneira semelhante nas duas obras, isto é, em ambas as narrativas aparecem logo no início, o que para Oliveira e Petrov (2012) não deixa dúvidas de que o cartaz publicitário presente na *Balada* é uma clara alusão ao Grande Irmão (Big Brother), de George Orwell:

...este romance aparece emoldurado pela referência a um cartaz publicitário onde pode ler-se (sem outros comentários a não ser a alusão a um ambiente fantasmagórico na primeira ocorrência e a um ambiente fechado na segunda): “PORTUGAL, Europe’s Best Kept Secret,FLY TAP”.

A ideia que assim metaforicamente se convoca é a de um espaço-tempo de isolamento, ou até de desolamento, de um país adormecido (já representado em O Delfim) ao qual, numa espécie de extensão da sugestiva imagem de reminiscências orwellianas do big brother is watching you, sempre preside o “Mestre da (de uma) Pátria” “orgulhosamente só”. (OLIVEIRA; PETROV, 2012)

O cartaz teria, então, a função de referenciar não apenas o isolamento português estabelecido pelo regime de Salazar, mas também o fato do ditador ser o representante máximo do poder e do autoritarismo durante sua ditadura mantendo esse poder e decidindo, mesmo que em contrariedade a sua população, pela manutenção das guerras coloniais, podendo ser aproximado, assim, ao Grande Irmão orwelliano, algo que acontecerá mais de uma vez na obra de Cardoso Pires.

A guerra, assim como na história de Portugal retratada no romance, é um elemento que também está fortemente presente na distopia, a Oceania (continente onde se passa a história) sempre se mantém em guerra[[2]](#footnote-2), ora com a Eurásia ora com a Lestásia, que são os demais continentes do mundo de *1984,* ou seja, neste ponto a própria história portuguesa[[3]](#footnote-3) auxilia o estabelecimento de uma semelhança entre o romance histórico e a obra distópica de George Orwell. É na guerra travada entre o continente Oceania com a Lestásia ou com a Eurásia que está presente outro elemento convergente entre as duas narrativas: a mentira. Porém nas duas obras a mentira não é algo totalmente explícito mas traz consigo um caráter conspiratório, na trama orwelliana, por exemplo, a mentira não é exatamente mentira, ela vem embutida dentro de uma verdade dupla, ou seja, no conceito de *duplipensar,* que consiste em acreditar em duas narrativas (pensamentos) ao mesmo tempo, sem duvidar nem de um nem do outro, o conceito fica mais compreensível dentro da própria narrativa onde o autor caracteriza este conceito dizendo que o *duplipensar* é

Saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-as contraditórias e ainda assim acreditando em ambas; usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade em nome da moralidade, crer na impossibilidade da democracia e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer tudo quanto fosse necessário esquecer, trazê-lo à memória prontamente no momento preciso, e depois torná-lo a esquecer; e acima de tudo, aplicar o próprio processo ao processo. Essa era a sutileza derradeira: induzir conscientemente a inconsciência, e então, tornar-se inconsciente do ato de hipnose que se acabava de realizar. Até para compreender a palavra “duplipensar” era necessário usar o duplipensar. -  
(ORWELL, 1949)

O conceito de *duplipensar* bem como a atuação do Ministério da Verdade podem ser identificados na *Balada da Praia dos Cães* na necessidade de mentir vivida pela personagem principal do romance. A posição de Elias Santana em relação as atrocidades cometidas pela PIDE[[4]](#footnote-4), também pode ser entendida como manifestação do *duplipensamento,* uma vez que como chefe de polícia e conhecedor de tais atrocidades, Elias não pode responsabilizar a Polícia Política de Portugal por seus crimes. Este fato leva o chefe de polícia a um beco “sem saída”, pois mesmo sabendo a saída e as respostas para muitos dos crimes investigados por ele, a impossibilidade de delatar a PIDE faz com que ele tenha que se contentar com uma “realidade alternativa”.  O próprio Elias Santana resume essa necessidade em uma metáfora que pode ser vista como a representação do *duplipensar,* quando Elias se refere a uma *Valsa de Conspiradores,* que consiste na necessidade de utilização da mentira com o propósito de manutenção das aparências, algo que será evidenciado pelo próprio autor da obra como demonstra Matter (2012), em trecho que ainda esclarece a crítica de Cardoso Pires a sistemas homogeneizantes em sua obra, tal como em *1984.*

O texto pratica ainda o questionamento de sistemas homogeneizantes, por, de certa forma, apresentar um discurso ficcional que, sabendo-se criação, coloca em discussão o conceito de História por entender que também o histórico se revela como criação,já que é discurso. José Cardoso Pires mencionou em entrevista, assim como seu personagem Elias, que seu romance é “uma valsa de conspiradores”, os quais espelham a necessidade de mentir sempre, numa pátria em que se precisa manter uma fachada de normalidade. (MATTER, 2012).

Seja no *duplipensamento* ou na *Valsa de Conspiradores* as duas obras apresentam uma forte crítica a sistemas ditatoriais reforçando a possibilidade da criação de discursos e narrativas por parte dos grupos dominantes com o intuito de falsear ou pelo menos criar uma realidade paralela as reais condições de vida impostas por estes regimes.

Dentro da crítica ao autoritarismo salazarista presente no romance português, a vigilância como já dito é o ponto essencial da ambientação da trama, que reflete um cenário fúnebre e fortemente controlado pelo estado, neste ponto surge mais um elemento, e talvez o principal, orwelliano na obra de Cardoso Pires. O retrato de Salazar sempre presente acima da personagem principal tem a função de demonstrar a onipresença da ditadura portuguesa, que vigia toda e qualquer ação de Elias, algo que simbolicamente deixa-o intimidado e sem possibilidades de ferir qualquer conduta pregada pelo sistema. Pode-se então inferir que o retrato de Salazar sempre presente e observando é uma analogia que poderia ser resumida na paráfrase: “Salazar is watching You”, mas as semelhanças dessa simbologia não se limitam a isso. Na distopia inglesa encontra-se um elemento material diretamente correspondente ao retrato do ditador português, este elemento chamado na obra de *teletela* tem como função principal vigiar os cidadãos que trabalham para o governo, como é o caso de Winston, e ao mesmo tempo divulgar a ideologia do Partido. A *teletela* consiste em um aparato tecnológico instalado na casa de todos os funcionários do governo do Grande Irmão, este dispositivo ao mesmo tempo que serve como o [[5]](#footnote-5)olho onipresente do Big Brother, que observa em tempo real através de uma central tudo o que os funcionários do governo fazem dentro de suas residencias, também funciona para entreter os vigiados com programações que sempre tem como pano de fundo a ideologia pregada pelo Grande Irmão. Com isso, a equivalência do retrato de Salazar na *Balada da Praia dos Cães* com as teletelas orwellianas é evidente e se torna o ponto chave da alusão de José Cardoso Pires a distopia criada pelo autor inglês. Essa equivalência pode ser evidenciada a partir das palavras de Barreiros, (2013):

Acima ainda do Diretor, em todos os lugares, está o “retrato de Salazar”, figuração da onipresença do Estado e das ideologias oficiais, numa espécie portuguesa do Grande Irmão orwelliano. As referências ao retrato estão nas páginas 47, 74, 85, 87, 209, 257 e 261 da Balada da Praia dos Cães. Sobre a referência feita na página 87 – uma descrição de Lisboa já analisada anteriormente, que culmina com o “Mestre da Pátria a presidir” (BARREIROS, 2013)

Ainda neste sentido afirma Pereira (1994, p.144-145 apud BARREIROS, 2013):

“é como se a imagem se derramasse para além das salas onde funciona a burocracia do sistema e pairasse, onipresente como a ideia de Deus, sobre toda a cidade e, por extensão, sobre todo o país” (PEREIRA, 1994, p. 144-145 apud BARREIROS, 2013)

Tal afirmação corrobora a ligação da função incorporada pelo retrato de Salazar e pelas teletelas nas duas narrativas, já que a função de ambas é exatamente demonstrar que os respectivos ditadores estão presentes na vida dos cidadãos, mesmo fora dos prédios administrativos de seus governos, de maneira que José Cardoso Pires, utiliza os elementos orwellianos para demonstrar a materialização histórica da distopia *1984* no regime ditatorial português.

**III – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se um dos objetivos de José Cardoso Pires no romance *Balada da Praia dos Cães* era questionar ou evidenciar a presença da ficcionalidade em discursos históricos, as alusões aos elementos distópicos de Orwell que se fazem presentes na realidade histórica do romance português são uma chave importante para o alcance deste objetivo.

Cardoso Pires, que possui influências da literatura anglo-saxônica, influência reconhecida pelo próprio autor em entrevista ao jornal *EL PAÍS* em 1988, e também por estudiosos de sua obra, como Luis Miguel Barros Cardoso, consegue, através de elementos distópicos e da comunicação literária com a obra de George Orwell, elaborar uma narrativa histórica repleta de notáveis críticas à ditadura salazarista e ao isolamento português em relação ao continente, ao mesmo tempo em que aproxima a ficcionalidade da história, reafirmando uma visão pós-estruturalista de que não existem discursos inéditos e que discursos históricos são diretamente influenciados pela ficcionalidade e porque não, que a ficcionalidade pode ser diretamente influenciada por discursos históricos.

**REFERÊNCIAS**

BARREIROS, Carlos Rogerio Duarte. **Forma do Romance e Processo Social na Balada da Praia dos Cães, de José Cardoso Pires**. 2013. 265 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BASTOS, Adriano Pereira. O compasso do poder na balada da praia dos cães, de José Cardoso Pires. 2010. 78 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Puc-rio, Rio de Janeiro, 2010.

CARDOSO, Luís Miguel Oliveira de Barros. José Cardoso Pires: Um Delfim da Escrita Dialéctica e Transparente. Millenium, Online, n.15, jul. 1999. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/15\_pers5.htm>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MATTER, Michele Dull Sampaio Beraldo. Uma existência em redoma: A balada da praia dos cães e a documentação de Portugal. Rcl - Revista Convergência Lusíada, n.28, p.158-176, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=1110>. Acesso em: 19 abr. 2018.

OLIVEIRA, Marcelo G.; PETROV, Petar. As Vozes da Balada: 30 o Aniversário de Balada da Praia dos Cães, de José Cardoso Pires. Lisboa: Ensaios Luso Fonias, 2012. 195 p.

ORWELL, George. 1984. London: Penguin Books, 1990.

PIRES, José Cardoso. Balada da Praia dos Cães. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PUENTE, Antonio. José Cardoso Pires: “Mi influencia es anglosaxónica”. **El País**, Madrid, Mar. 1988. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1988/01/03/cultura/568162803\_850215.html>Acesso em: 20 abr. 2018.

VORTEX CULTURAL. **Resenha - 1984 - George Orwell.** Disponível em: <http://www.vortexcultural.com.br/literatura/resenha-1984/>. Acesso em: 22 jun. 2018.

1. O romance *Balada da Praia dos Cães* simula a investigação e a reconstituição de um crime verídico ocorrido em 1960. O assassinato do major Dantas C., que abalou a sociedade portuguesa da época, é considerado um crime político. [↑](#footnote-ref-1)
2. A guerra no mundo distópico de 1984 é constante, e é motivada mais por fins psicológicos que economicos. Em 1984 o mundo é dividido em três grandes blocos: Eurásia, Lestásia e Oceania que alternam eternamente entre guerras e alianças. O Ministério da Verdade, setor do governo responsável por recontar a verdade milhares de vezes por dia expressa sua prática ideológica no próprio nome sendo assim, ele não mente, mas reconstrói a realidade cada vez que o contexto político se altera. Se em um momento a Oceania esta em guerra com a Eurásia e é aliada da Lestásia, mas por algum motivo as coisas se invertem, os jornais são reescritos e através da técnica do duplipensamento a guerra passa a ter sido sempre com a Lestásia. Assim, o Partido nunca se engana ou erra e os cidadãos não possuem memória. Os habitantes de Oceania não tem História. [↑](#footnote-ref-2)
3. Portugal viveu durante o século XX uma ditadura de 41(quarenta e um) anos, que durou de 1933 até 1974, o período histórico conhecido como Salazarismo (uma referência a Antônio de Oliveira Salazar, que ocupou a chefia do governo durante a maior parte desse período), é retratado na Balada da Praia dos Càes e possui várias características semelhantes a ditadura retratada na distopia de Orwell. [↑](#footnote-ref-3)
4. A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) foi a [polícia política](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADcia_pol%C3%ADtica) [portuguesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal) entre [1945](https://pt.wikipedia.org/wiki/1945) e [1969](https://pt.wikipedia.org/wiki/1969), responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente. Para além das funções de polícia política, a sua atividade abrangia igualmente o serviço de estrangeiros e de fronteiras. [↑](#footnote-ref-4)
5. O programa de Tv Big Brother, onde os participantes são vigiados a todo momento é uma referência direta ao Big Brother do livro *1984.* [↑](#footnote-ref-5)